

DENNIS LEHANE

# MOONLIGHT MILE

Tradução de Maria Lúcia Lima

Para Gianna Malia  
Bem-vinda, pequena G.

*I'm just living to be lying by your side  
But I'm just about a moonlight mile down the road.*

Mick Jagger / Kurt Richards, «*Moonlight Mile*»

Primeira parte

## **Parecias mesmo de verdade**

# Capítulo 1

Numa tarde clara e inesperadamente quente de princípios de dezembro, Brandon Trescott saiu do *spa* do Hotel Chatham Bars, em Cape Cod, e apanhou um táxi. Devido a um azarado rol de condenações por embriaguez ao volante, fora proibido de conduzir um automóvel no estado de Massachusetts durante os trinta e três meses seguintes, pelo que tinha de ir de táxi para todo o lado. Aos vinte e cinco anos, menino mimado pela mãe, juíza de um tribunal de segunda instância, e pelo pai, magnata da comunicação, Brandon não era um desses rapazotes milionários que brincam aos delinquentes juvenis: não, ele levava as coisas a sério. Quando a Polícia lhe apreendeu a carta já ia no quarto acidente. Os dois primeiros tinham sido atribuídos a condução imprudente, o terceiro valera-lhe uma repreensão severa, mas o quarto tinha causado danos a terceiros (Brandon escapa sem uma arranhadela).

Nessa tarde de inverno bostoniano, com a temperatura a roçar os cinco graus, Brandon vestia uma camisola de capuz desbotada pelos cuidados de um estilista e que custara uns bons novecentos dólares, sobre uma camiseta de seda branca com uns óculos de seiscentos dólares pendurados na gola. Os calções largos apresentavam pequenos rasgões, primorosamente cortados por uma criança indonésia com um salário de fome. Trazia chinelas havaianas – em dezembro – e sacudia uma despreocupada trunfa loira de surfista, que lhe caía ternurentamente sobre os olhos.

Depois de uma noite a beber garrafa sobre garrafa de Crown Royal, Brandon tinha capotado o seu Dodge Viper ao voltar do

casino de Foxwoods com a namorada. Andavam juntos há duas semanas e era pouco provável que ela viesse algum dia a namorar outro rapaz. Chamava-se Ashten Mayles e permanecia em estado vegetativo desde que o tejadilho do carro lhe amachucara o crânio. Um dos seus últimos gestos conscientes tinha sido tentar tirar as chaves da mão de Brandon no parque de estacionamento. Segundo testemunhas, ele agradecera a solicitude atirando-lhe com um cigarro aceso.

Pela primeira vez na vida, ao que parece, um ato de Brandon teve consequências: os pais de Ashten, que não eram ricos mas tinham boas ligações políticas, empenharam-se em ensinar-lhe uma lição. Conseguiram que fosse obrigado a responder na Procuradoria Distrital de Suffolk por excesso de velocidade e condução perigosa. Brandon passou todo o tempo do julgamento a mostrar-se chocado e moralmente agredido por alguém se atrever a exigir-lhe responsabilidades pelos seus atos. Acabou por ser condenado e cumpriu quatro meses de prisão domiciliária. Num domicílio de luxo.

Durante o processo civil que se seguiu, descobriu-se que o menino de ouro era afinal um pobrezinho. Não tinha carro, não tinha casa, tanto quanto se podia saber não tinha sequer um iPod. Não tinha coisa alguma em seu nome. Sim, tivera, mas por uma feliz coincidência passara tudo para o nome dos pais na véspera do acidente. A palavra «véspera» fez ranger os dentes a muita gente, mas não se conseguiu provar o contrário. Quando o júri o condenou a pagar sete milhões e meio à família Mayles, Brandon Trescott virou os bolsos vazios e encolheu os ombros.

Eu tinha uma lista dos bens de que Brandon fora proprietário e que já não podia movimentar por impedimento legal. A movimentação desses bens, decidira o tribunal, seria considerada não apenas um indício mas uma prova de posse. Os Trescott protestaram contra tal definição de «posse», mas a imprensa arrastou-os pelas ruas da amargura, o clamor público foi tão alto que dava para se ouvir do outro lado da baía, e eles acabaram por assinar o acordo.

No dia seguinte, num ostensivo manguito para a família Mayles e para a população ignara, Layton e Susan Trescott ofereceram ao filho um apartamento em Harwich Port, já que os advogados dos Mayles

não tinham acautelado ganhos ou dádivas futuras. E foi para Harwich Port que seguiu Brandon nessa tarde de dezembro.

O apartamento cheirava a mofo, a cerveja entornada na carpete e a restos de comida a apodrecer na cozinha em pratos por lavar. Eu sabia, porque já lá tinha estado duas vezes a pôr escutas e a sacar as *passwords* do computador, enfim, aqueles truques que os clientes pagam bem para fingirem que não sabem que tipos como eu os fazem. Tinha esmiuçado a pouca papelada, sem encontrar qualquer conta de banco ou carteira de títulos que não conhecêssemos já, e o computador revelara mais ou menos o mesmo – nada de importante, apenas gabarolices para alguns ex-colegas do clube da faculdade e rascunhos, cheios de patéticos erros ortográficos, de cartas nunca enviadas a diretores de jornais. Muitas visitas a *sites* de pornografia e de jogo, e um ficheiro com todos os artigos escritos a seu respeito.

Quando Brandon saiu do táxi, tirei do porta-luvas o meu gravador digital. Na minha primeira abordagem à casa e ao computador tinha instalado um microfone do tamanho de um grão de sal debaixo da consola e outro no quarto. Ouvi os pequenos grunhidos que soltava enquanto se preparava para o banho, e depois continuei a seguir-lhe os movimentos pelo som: tomou um duche, secou-se, trocou de roupa, serviu-se de uma bebida, ligou o plasma, sintonizou-o num *reality show* de terceira e estendeu-se no sofá para se coçar.

Esbofetei-me duas ou três vezes para não adormecer e fui folheando o jornal que estava no banco do carro. Esperava-se outra vaga de desemprego. Em Randolph, um cão salvara os donos num incêndio, apesar de ainda estar a recuperar de uma operação à anca e de ter as patas traseiras presas a uma cadeira de rodas canina. O chefe da máfia russa local tinha sido multado por excesso de álcool ao volante (entrara com o seu Porsche pela praia de Tinean na maré cheia). Vitória dos Boston Bruins num desporto que me fazia sono sempre que o via. Um terceira-base da primeira divisão, com um pescoço que mais parecia um balde, reagia com a fúria da virtude ultrajada a rumores sobre o seu alegado consumo de esteroides.

O telemóvel de Brandon tocou. Era um sujeito que ele tratava por «puto», só que pronunciado por ele soava como «piuto». Falaram de videojogos (*World of Warcraft* e *Fallout 4*) da PlayStation 2, de *rappers*

(Lil Wayne e T.I.) e de uma miúda que conheciam do ginásio e que na sua página do Facebook dizia que fazia muito exercício com o *Wii Fit* embora vivesse, tipo, ao pé de um parque. Eu ia olhando pela janela do carro, a sentir-me velho. Era um sentimento que ultimamente me apossava, sem qualquer espécie de saudosismo. Se era nisto que os jovens de agora passavam o tempo, bem podiam ficar com os seus vinte anos. Até com os trintas. Encostei a cabeça para trás e fechei os olhos. Passado um bocado, Brandon e o puto despediram-se:

- Então até, piuto. Tudo em cima!
- Tudo em cima para ti também, hem!
- Ouve, piuto...
- Sim?
- Nada. Esqueci-me. É lixado.
- O quê?
- Esquecer-me.
- Bué.
- Tudo bem.
- ‘Tá-se.

E desligaram.

Perguntei-me por que razão não dava um tiro nos miolos. Depressa descobri duas ou três dúzias, mas continuava a recluir não resistir se tivesse de ouvir muitas conversinhas entre Brandon e os seus «piutos».

Dominique era um capítulo diferente. Dominique era uma profissional de primeira água que tinha entrado na vida de Brandon há dez dias, pelo Facebook. Nessa primeira noite passaram duas horas no *chat*, e depois disso tinham falado por Skype mais três vezes. Dominique nunca havia tirado uma peça de roupa, mas fora muito eloquente sobre o que aconteceria se a) alguma vez se dignasse dormir com ele, e b) ele lhe apresentasse a elevada quantia requerida para esse fim. Dois dias antes tinham trocado os números dos respetivos telemóveis. Graças a Deus, ela telefonou uns trinta segundos depois de ele e o piuto terem desligado. Para que conste, era assim que o imbecil atendia um telefone:

Brandon: Há?

(Palavra. E ainda havia quem lhe telefonasse.)

Dominique: Olá.

Brandon: Oh, *olá!* Merda. Estás em Boston?

Dominique: Vou estar.

Brandon: Vem ter comigo.

Dominique: Já te disse no Skype. Nem com um uniforme de des-ratização eu ia aí dormir contigo.

Brandon: Quer dizer que já admites dormir comigo. Nunca conheci uma puta que escolhesse com quem queria dormir.

Dominique: Já conheceste alguma parecida comigo?

Brandon: Não. E tu tens, tipo, a idade da minha mãe. Mesmo assim... Merda. És a puta mais excitante que vi na minha vida.

Dominique: Que querido. Mas vamos esclarecer um pormenor: eu não sou uma puta. Sou uma prestadora de serviços íntimos.

Brandon: Nem sei o que isso é.

Dominique: Porque será que não fico admirada? Vai trocar um título, ou um cheque, ou lá o que usas, e vem ter comigo.

Brandon: Quando?

Dominique: Agora.

Brandon: Agora? Tipo, já?

Dominique: Sim, agora tipo já. Estou em Boston esta tarde, mas só esta tarde. Não vou para um hotel, por isso acho bem que tenhas outra casa, e não espero muito tempo.

Brandon: Nem num hotel cinco estrelas?

Dominique: Vou desligar.

Brandon: Não desli...

Ela desligou.

Brandon praguejou, lançou o comando da televisão contra a parede, deu uns pontapés avulsos, praguejou de novo:

– Julga que é a única puta cara do mundo? Sabes que mais, piuto? Podes pagar dez como ela e meter um bónus de pó. Vai para Las Vegas.

Sim, ele tratava-se a si próprio por piuto.

O telefone tocou. Devia ter sido uma das coisas atiradas por Brandon, porque o toque vinha de mais longe e ouvi a restolhada que ele fez ao precipitar-se pela sala para o apanhar. Quando o alcançou, o som tinha parado.

– Merda! – O grito era tão alto que se a janela do carro estivesse aberta eu o teria ouvido sem precisar do microfone.

Calou-se uns trinta segundos e começou a rezar:

– Olha, piuto, eu sei que fiz umas bacoradas, mas juro, fá-la ligar outra vez, e prometo que vou à igreja e te encho a caixa de notinhas verdes. E porto-me bem. Fá-la ligar outra vez, piuto.

Sim, ouvi-o tratar Deus por «piuto». Duas vezes.

O telefone mal tinha recomeçado a tocar quando ele atendeu.

– Sim?

– É pegar ou largar.

– Já sei.

– Dá-me uma morada.

– Merda. Eu...

– Vou desligar.

– Marlborough Street, 737, entre a Dartmouth e a Exeter.

– Andar?

– Não tem. A casa é toda minha.

– Estou lá daqui a hora e meia.

– Não é fácil apanhar um táxi aqui, e estamos quase na hora de ponta.

– Então arranja umas asas. Hora e meia. Noventa minutos. Ao nonagésimo primeiro já saí.

O carro era um Aston Martin DB9 2009. Duzentos. Mil. Dólares. Quando Brandon o tirou da garagem duas portas adiante, pus uma cruzinha na lista que tinha a meu lado no banco. Tirei-lhe cinco fotografias ao volante, à espera de poder entrar no trânsito.

Finalmente Brandon arrancou como um foguetão espacial, e eu não me dei ao trabalho de ir atrás dele. A furar o trânsito daquela maneira, mesmo um perfeito idiota notaria se fosse seguido. Aliás era escusado – eu sabia para onde ele ia e conhecia um atalho.

Chegou oitenta e nove minutos depois da chamada. Galgou os degraus exteriores, meteu a chave na porta, e eu fui filmando. Subiu a quatro e quatro a escadaria interior, e entrei atrás dele pela porta aberta, a segui-lo a uns cinco metros de distância, mas ele ia tão embalado que nem deu por mim durante uns bons dois minutos.

Só quando estava a abrir o frigorífico na cozinha do segundo andar ouviu o clique da máquina e se virou. Recuou até à janela alta atrás dele.

– Quem raio é você?

– Não te interessa – disse eu.

– Um *paparazzo*, é?

– Achas que os *paparazzi* se incomodam contigo? – e continuei a filmar.

Ele encostou-se mais à janela, a medir-me com os olhos. Passado o sobressalto de ver um estranho a entrar-lhe na cozinha, fez uma avaliação ameaçadora.

– Você não é assim tão grande... – soprou a afastar a franja.

– Posso corrê-lo daqui a pontapés.

– Não sou assim tão grande – concordei, baixando o aparelho –, mas não corrias comigo de lado nenhum, acredita. Ora olha bem para a minha cara.

Ele olhou.

– Percebes o que quero dizer?

Fez um pequeno sinal afirmativo.

Pus a máquina ao ombro e acenei um adeus.

– Também já estava de saída. Passa um bom dia e vê se não dá cabo da cabeça a mais ninguém.

– O que vai fazer com as fotos?

A minha resposta doeu-me.

– Nada que valha a pena.

Fez cara de quem não percebe, aliás muito habitual nele.

– Trabalha para os Mayles, é isso?

A dor acentuou-se.

– Não – suspirei. – Não. Trabalho para a Duhamel-Standiford.

– Um escritório de advogados?

Abanei a cabeça.

– Segurança. Investigações.

Ficou a olhar para mim, boca aberta, sobranceiras franzidas.

– Foram os teus pais que nos contrataram, paspalhão. Calcularam que ias acabar por meter o pé na poça, porque, francamente, és mesmo burro. Este pequeno incidente vai confirmar-lhes os receios.

– Não sou burro nenhum – disse ele. – Andei no Boston College. Seria uma boa deixa para uma dúzia de respostas contundentes, mas senti um arrepio de exaustão a percorrer-me de alto a baixo. Era isto a minha vida atual. Isto.

Saí da cozinha.

– Felicidades, Brandon.

Parei a meio das escadas.

– A propósito, a Dominique não vem... – virei-me para cima e encostei o cotovelo ao corrimão. – E, já agora, não se chama Dominique.

*Flip-Flop*, as chinelas fizeram um som peganhento de beijo babado quando ele veio lá de dentro e apareceu à porta.

– Como é que você sabe?

– Ela trabalha para mim, cretino.

## Capítulo 2

Depois de deixar Brandon fui encontrar-me com Dominique na Neptune Oyster, a melhor marisqueira do North End.

– Foi divertido – disse ela, mal me sentei. Tinha os olhos ainda maiores do que de costume. – Conta-me a cena em casa dele.

– Podemos encomendar primeiro?

– Já pedi as bebidas. Conta, conta.

Contei-lhe. Trouxeram-nos as bebidas e, depois de estudarmos o menu, decidimo-nos por sanduíches de lagosta. Ela bebia uma cerveja *light*, eu uma água mineral. Disse a mim próprio que me fazia melhor do que a cerveja, sobretudo à tarde, mas uma voz interior continuava a chamar-me vendido. Vendido porquê, não sabia bem, mas era como me sentia.

Quando acabei de contar a história do meu encontro com Brandon *Flip-Flop* ela bateu palmas.

– A sério que lhe chamaste cretino?

– E mais algumas coisas. Não exatamente elogios.

Trouxeram-nos as sanduíches, e eu tirei o casaco, dobrei-o e pousei-o no braço da cadeira à minha direita.

– Nunca me hei de habituar – disse ela. – Tu, de fato e gravata!

– Eu sei, não é como nos velhos tempos – concordei, dando uma dentada na sanduíche. Eram as melhores sanduíches de lagosta de Boston, ou seja, provavelmente as melhores do mundo. – O que mais me incomoda nem é a vestimenta, é o cuidado com o cabelo.

– Mas é um bonito fato – apalpava a manga. – Muito elegante.

Começou a comer enquanto me passava em revista.

– Bonita gravata, também. Foi a tua mãe que a escolheu?  
– Por acaso, foi a minha mulher.  
– É verdade, tu és casado. É uma pena.  
– Uma pena? Porquê?  
– Bem, para ti talvez não seja.  
– Nem para a minha mulher.  
– Nem para a tua mulher – assentiu ela. – Mas alguns de nós ainda se lembram de quando eras muito mais... hum... mais animado, Patrick. Lembras-te desses tempos?

– Lembro.

– E...?

– Acho que é mais agradável recordá-los do que foi vivê-los.

– Não tenho a certeza – levantou uma sobrancelha pensativa e bebeu um gole de cerveja. – Se bem me lembro, viveste-os bastante bem.

Bebi uns goles de água. Para ser exato, esvaziei o copo e voltei a enchê-lo com a água da garrafa azul de preço exorbitante que tinha ficado sobre a mesa, perguntando-me mais uma vez por que razão seria socialmente aceitável deixar na mesa uma garrafa de água ou de vinho mas não uma de uísque ou de *gin*.

– Não és lá muito bom a fugir aos assuntos.

– Não dei por estar a fugir.

– Acredita, estavas.

É estranho como uma mulher bonita pode transformar rapidamente em serradura o cérebro de um homem. Só por ser bonita.

Procurei no bolso interior do meu casaco, tirei um envelope e estendi-lho por cima da mesa.

– A tua parte. A Duhamel-Standiford já fez os descontos para as Finanças.

– Muito atenciosos – e meteu o envelope na carteira.

– Não sei se é uma atenção. Mas seguem sempre as regras.

– Tu nunca as seguias.

– As coisas mudam.

Ela ponderou o assunto e os seus olhos escuros tornaram-se mais escuros e mais tristes. Depois o rosto iluminou-se-lhe. Pegou na carteira e tornou a tirar o cheque. Pousou-o em cima da mesa, entre nós.

– Tenho uma ideia.  
– Não tens, não senhor.  
– Tenho, sim senhor. Vamos deitar uma moeda ao ar. Cara, pagas tu.

– Pago de qualquer maneira.  
– Coroa... – bateu de leve uma unha contra o copo. – Coroa, troco este cheque, vamos para o Millennium, pedimos um quarto, e passamos o resto da tarde a testar a resistência de uma estrutura de molas.

Bebi outro copo de água.

– Não tenho moedas.

Ela franziu a testa.

– Nem eu.

– Fica para a próxima.

– Faz-me um favor? – pediu ela ao empregado de mesa. – Empréstamos dez cêntimos, só por um instante?

Ao estender-lhe a moeda, os dedos dele tremiam ligeiramente – por uma mulher com quase o dobro da sua idade. Mas ela conseguia perturbar qualquer homem, de qualquer idade.

– Bonitinho – comentou ela, quando o rapaz se afastou.

– Para um zigoto.

– Vamos ver – prendeu a moeda entre a unha do polegar e o indicador. – O que escolhes?

– Não jogo.

– Deixa-te disso.

– Tenho de voltar para o trabalho.

– Faz gazeta. Eles nem dão pela diferença.

– Dou eu.

– Escrúpulos – suspirou ela. – Exageras.

Um piparote, e a moeda saltou e voltou a cair na mesa, mesmo em cima do cheque, entre a cerveja dela e a minha água.

Cara.

– Merda – disse ela.

Quando o empregado de mesa passou, devolvi-lhe os dez cêntimos e pedi a conta. Enquanto ele fazia a soma, não dissemos uma palavra. Ela acabou de beber a cerveja, eu a água. O empregado levou

o meu cartão de crédito e fiz o cálculo para uma boa gorjeta. Quando ele voltou, assinei a fatura.

Olhei para ela e para os seus grandes olhos amendoados. Tinha os lábios entreabertos; quem já soubesse poderia ver uma imperceptível falha na base do incisivo superior esquerdo.

- Vamos na mesma – disse-lhe.
- Quarto?
- Sim.
- Colchão de molas?
- Sí.
- Lençóis irrevogavelmente amarrotados?
- Não vamos colocar a fasquia tão alto.

Ela pegou no telemóvel e ligou para o hotel. Ao fim de uns instantes, anunciou-me que havia uma vaga.

- Faz a reserva.
- Que coisa decadente.
- A ideia foi tua.

A minha mulher disse ao telefone: «Ficamos com esse, se já está livre» e lançou-me outra mirada cúmplice de excitação, como se tivéssemos dezasseis anos e estivéssemos a levar o carro do pai dela sem ele saber. Inclinou o queixo para o telefone. «O apelido é Kenzie. K-E-N-Z-I-E. Sim, K de kamikaze. O primeiro nome é Angie.»

- Preferes Angie? – perguntei-lhe, já no quarto. – Ou Dominique?
- O que preferes tu?
- Gosto das duas.
- Então sou as duas.
- Ouve lá...
- Que foi?
- Como podemos amachucar os lençóis, aqui junto à cómoda?
- Tens razão. Estás comigo?
- Estou contigo.

Depois de termos dormitado embalados pelas buzinas e pelo rugir do trânsito da hora de ponta dez andares abaixo, Angie soergueu-se nos cotovelos.

- Foi uma loucura.
- Pois foi.
- Temos orçamento para isto?

Sabia que ela adivinhava a resposta, mas tive de responder.

- Provavelmente não.
- Merda.

Ficou de cabeça baixa, a olhar para os lençóis de linho fino. Pus-lhe a mão no ombro.

- De vez em quando, temos direito a uma extravagância. A D-S deu-me praticamente a garantia de entrar para o quadro depois deste trabalho.

Ela levantou os olhos para mim e voltou a baixá-los para os lençóis.

- «Praticamente» quer dizer «talvez».
- Eu sei.
- Andam a acenar com o maldito contrato há...
- Eu sei.
- ... há tanto tempo. Não é justo.
- Eu sei. Não é justo. Mas o que hei de fazer?

Ela franziu a testa:

- E se não te contratam? Se...
- Eu sei.
- Estamos quase sem dinheiro.
- Eu sei.
- E temos um seguro de saúde a vencer.
- Eu sei.
- É só isso que tens para dizer? «Eu sei»?

Percebi que tinha os dentes cerrados a ponto de estalarem.

- Ange, ando a lamber botas e a fazer trabalhos de que não gosto para uma empresa com que não simpatizo para ter finalmente um lugar de efetivo, com direito a plano de saúde, Segurança Social e férias pagas. Gosto tanto disto quanto tu, mas até acabares o curso e voltares a arranjar emprego, não sei que mais possa fazer ou dizer para alterar a situação.

Ambos respirámos fundo, rostos afogueados de mais, paredes a fecharem-se sobre nós.

– Falei por falar – disse ela, em voz baixa.

Fiquei a olhar pela janela por algum tempo, sentindo todo o ne-grume do medo e do stresse dos últimos anos a crescer-me no cére-bro e a invadir-me o peito.

Por fim, consegui controlar a voz.

– Esta é a melhor opção que vejo de momento. Se a D-S conti-nuar a fugir com a cenoura, bem, então vamos ter de reconsiderar. Mas espero que não.

– Está bem – disse ela devagar, depois de respirar fundo outra vez.

– Vamos pôr o caso desta maneira: temos tanta coisa para pagar e estamos tão falidos que o bónus que gastámos com o hotel ajudava tanto como uma gota de água ao oceano.

Ela tamborilou de leve com os dedos no meu peito:

– É bonito da tua parte dizeres isso.

– Sou um príncipe, não sabias?

– Sabia.

Prendeu uma perna na minha.

– Hum – disse eu.

Lá fora, as buzinas tornavam-se mais insistentes. Imaginei o con-gestionamento do trânsito, as longas filas de carros imobilizados.

– Sabes, saindo agora ou daqui a uma hora chegamos a casa ao mesmo tempo.

– Em que estás a pensar?

– Em poucas-vergonhas.

Ela rolou para cima de mim.

– Temos a *babysitter* até às sete e meia.

– Dá muito tempo.

Ela baixou a cabeça até as nossas testas se tocarem. Beijei-a. Um beijo dos de antigamente, daqueles a que dantes nem dávamos valor – profundo, sem pressas. Quando nos afastámos, ela inspirou deva-garinho e depois inclinou-se para repetir.

– Vamos fazer isto umas dúzias de vezes... – disse Angie.

– Afirmativo.

– E depois mais um bocadinho daquela cena de há uma hora...

– Foi sugestivo, não foi?

- Depois um duche quente...
- Alinho.
- E depois vamos para casa ver a nossa filha.
- Combinado.